

ATOS PERFORMATIVOS: LEVANTES E POÉTICAS DE MULHERES NA AMÉRICA LATINA

*ACTOS PERFORMATIVOS: LEVANTAMIENTOS Y POÉTICAS DE LAS MUJERES EM
AMÉRICA LATINA*

Pâmela Fogaça Lopes

Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Universidade Federal de Pelotas
pamela_fogaca@hotmail.com

Carmen Anita Hoffman

Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais
Universidade Federal de Pelotas
carminhalese@yahoo.com.br

RESUMO

Este escrito é um recorte de minha pesquisa que versa sobre o protagonismo de mulheres latino-americanas em Atos Performativos nos espaços públicos. Pensando a performance para além das Artes-Visuais e do Teatro, como uma traição de linguagens estabelecidas e questionando sobre o levante e a poética que criam as mulheres nos atos, marchas e manifestações, busco reflexões em autoras como Ileana Diéguez Caballero, Maria Beatriz de Medeiros e Stela Fischer. Proponho um ensaio cartográfico sobre as escolhas estéticas e urgências políticas em três performances-cidadãs: “As rondas das Mães da Praça de Maio”, com início na ditadura Argentina em 1973, que pedem pelos seus filhos desaparecidos; o “Panuelazo”, que nasce também na Argentina e onde as cidadãs reclamam a legalização do aborto; e os “Mamaços”, encontros de mães que amamentam seus filhos na rua, pelos direitos do aleitamento, puerpério, maternidade e saúde.

Palavras-Chave: Performances-cidadãs. Performance. Mulher. Corpo-político.

RESUMEN

Este escrito es un recorte de mi investigación que trata sobre el protagonismo de las mujeres latinoamericanas en Actos Performativos en espacios públicos. Pensando en el performance más allá de las Artes Visuales y el Teatro, como una traición de los lenguajes establecidos y cuestionando el levantamiento y la poética que crean mujeres en actos, marchas y manifestaciones, busco reflexiones sobre autoras como Ileana Diéguez Caballero, Maria Beatriz de Medeiros y Stela Fischer. Propongo un ensayo cartográfico sobre elecciones estéticas y urgencias políticas en tres actuaciones ciudadanas: "Las Rondas de las Madres de la Plaza de Mayo", que comenzó en la dictadura Argentina en 1973, preguntando por sus hijos desaparecidos; el "Panuelazo", que también nace en Argentina y donde los ciudadanos exigen la legalización del aborto; y "Tetazos", reuniones de madres que amamantan a sus hijos en la calle, por los derechos de la lactancia materna, puerperio, maternidad y salud.

Keywords/Palabras clave: Performances-ciudadanas. Performance. Mujer. Cuerpo-político.

Prólogo

Este escrito contempla uma parte de minha pesquisa em andamento na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), dentro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, denominada temporariamente de "Mulheres Latino-Americana em Atos Performativos nos Espaços Públicos: Contra o apagamento dos Corpos". Desenho este texto inspirada na metodologia cartográfica (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2015), buscando espaços para apreensões de processos artísticos-políticos e de estados rizomáticos, sensíveis a formas de ação não hegemônicas, que operam na margem, rompendo os centros do pensamento eurocêntrico e patriarcal.

Seguindo as trilhas de desta pesquisadora em sua tese na Pós-Graduação em Artes Cênicas, na Escola de Comunicação e Artes, da Universidade de São Paulo, traço como Atuadora nas artes da cena, mapas sobre a performance realizadas por mulheres latino-americanas, na intenção de pensar e valorizar os seres femininos em suas criações marginais, à revelia do bombardeio das referências europeias e masculinas em minha formação. Com a particularidade de olhar para atuações nos espaços públicos, manifestações, marchas, rondas, expandindo o pensamento sobre a performance arte. Desejando evidenciar as relações entre esses processos; deixo que se cruzem os ruídos, as faíscas que levantam as atuações pesquisadas, novos questionamentos. Penso no movimento perigoso e corajoso que é a posta do sensível na rua, que é pública, mas vigiada, controlada, haja vista que quando tomada, contra o estado, contra a normatização, recebe bombas de gás, de efeito moral, jato de água, surra de escudo e cassetete, bala de borracha. Quando o povo insurge:

As situações transbordam os limites móveis entre arte e política, tomam de assalto as ruas. Em bandos, (des)organizados de forma livre, coletivizam-se sensações para o fortalecimento na rua. A rua, dita pública, deve ser ocupada, habitada. E a política de Estado deve ser questionada, sobretudo desestruturada. (MEDEIROS, 2017, p.1)

A professora do Departamento de Artes da Universidade de Brasília, Maria Beatriz de Medeiros, me provoca à voltar o meu olhar para além do que se diz arte, ou se institucionaliza como arte, para ter uma real relação com o espaço da rua, quem são as sujeitas que tomam este espaço? Para descolonizar o pensamento: o que acontece com a arte quando sai de casa, da academia, do museu, do teatro? Onde podemos ver cena e solo para pensar a criação? "Arte não cabe em caixinhas, não cabe em galerias, não cabe em prêmios nem em

editais (in situ). Arte é reflexão, inflexão, proposição e até despacho” (MEDEIROS, 2011, p.73). Acrescento: e até “Marcha das Mães de Maio – São Paulo”, “Marcha das Vadias”, “Marcha Mundial das Mulheres”, “Marcha das Mulheres Negras”, “Marcha das Margaridas”, “Marcha das Mulheres Indígenas”, “Marcha das Mulheres Lésbicas”, “Nenhuma a Menos”, “Vivas nos Queremos”, “Rondas das Mães de Maio”, “Mamaços” e “*Panuelazos*”.

Quais são as estratégias utilizadas por essas mulheres para politizar e poetizar os espaços públicos? Que lugar é esse, o meu continente? E o corpo? Que corpos são estes os das mulheres latino-americanas? O que acontece quando o corpo sai de casa? Um tiro acerta um corpo-negro de menina.

<<LUTO>>

Ágatha Félix, 8 anos, baleada por um fuzil policial na comunidade do Alemão no Rio de Janeiro no dia 20 de Setembro de 2019, vítima da mira racista, genocídio do povo negro. O Brasil sob estado de extermínio. Leio o poema de Dinha, “De aqui de dentro da guerra”, e deixo aqui o seu primeiro movimento:

I - Mataram Francisco

Ah.

Ser protagonista.

Ser um símbolo.

- É mais um ou menos um?

Escrevo pra corromper as estatísticas.

Escrevo para alterar o sentido de estar sozinha.

E Adélia?

Passou a noite velando o corpo.

- Só tiro de Doze.

E o que dói nem é a morte.

É a guerra.

É somar os corpos e notar
a baixa sempre mais humana.

A última guerra romântica acontece por aqui:

São Paulo, Brasil,

Fundão do Ipiranga

Jardim São Savério

Parque Bristol, Bristão.

Mil e uma noites

a mil.

A milhão.

- Procurou, né mãe?

Ouvi os tiros mas não dei ouvidos.

Morreu alguém. Não fui ver.

É comum.

Era só isso.

De uma festa cantei, dancei, ri

(e isso não é força poética

de quem imita poesia

e põe verbos em paralelismos).

Ri muito a noite toda.

Terminou de madrugada

os tiros subindo a escada:

- Dinha, mataram Francisco

(DINHA, 2011, p.62)

A poetiza me diz sobre o que vem significando o corpo e sobre a violência de Estado em alguns lugares do Brasil, do continente. E também sobre o que têm feito as mulheres, as comunidades, os coletivos: “Escrevo pra corromper as estatísticas. Escrevo para alterar o sentido de estar sozinha.” A ação artística como grito, ou vários, um lugar para a memória, para tentar manter um pouco de sanidade, para gestão dos sentidos e sentimentos, para mostrar sua existência apesar dos ataques, para encontrar forças e...



Figura 01: Movimento Mães de Maio. Fonte: Do Luto à Luta Mães de Maio (2011)

Nós somos Mães.

Nós somos Mães Negras, Mães Indígenas, Mães Trabalhadoras, Mães Pobres, Mães de Favelas, Mães Periféricas: Nós somos Mães Guerreiras!

Nós somos Mães Sem-Teto, Mães Sem-Terra, Mães Donas de Casas e de Barracos, Empregadas ou Desempregadas, Mães de Secundaristas em Luta, Mães de Poetas e Mães Poetisas, Mães de Presidiários e Mães no Cárcere: Nós somos Mães Quilombolas!

Nós somos Mães de São Paulo, do Rio de Janeiro, da Bahia, de Minas, Guarani Kayowá do Mato Grosso do Sul; Mães Mogianas, de Osasco, de Manguinhos e das Baixadas, de todos os cantos: Nós somos Mães de Maio, de Junho, Julho e de todos os meses do ano!

Nós somos Mães Africanas, Mães das Favelas Brasileiras, Mães dos Estudantes Desaparecidos de Ayotzinapa (México), Black Mothers das #BlackLivesMatter dos EUA, Mães das Vítimas do Estado Colombiano, Madres e Abuelas da Ditadura Argentina, Mães da Faixa de Gaza (Palestina), Mães dos Rappers Presos em Angola, Mães da Paz e da Guerra de Libertação do Povo Curdo, Mães Latinas, Mães Asiáticas, Mães Norte-Nordestinas, Mães Retirantes, Mães Refugiadas: Nós somos Mães Sem-Fronteiras!

Nós somos Pais também. Somos Avôs e Avós, Irmãos e Irmãs, Filhos e Filhas: Nós somos Familiares de Vítimas de todas as formas sistemáticas de Violência do Estado que vocês possam imaginar...

*

<<LUTO>> para nós sempre foi verbo e substantivo, desde que nós nascemos. Nós lutamos desde sempre, desde muito antes, e nunca deixaremos de encarar de frente os inúmeros lutos cotidianos que sempre nos foram impostos com muita violência.

(MÃES DE MAIO, 2016).

Este é um trecho de uma carta, redigida no “I Encontro Internacional de Mães de Vítimas da Violência de Estado: por Justiça, Reparações e Revolução!”, realizado em São Paulo no dia 13 de Maio de 2016, para lembrar o massacre ocorrido em 2006 no mesmo mês entre os dias 12 e 20, onde cerca de 493 jovens foram executados pela polícia, justificados como “suspeitos”, “bandidos”, ou “em retaliações a ataques do PCC”. Alguns destes jovens contam como desaparecidos e eram em sua maioria negros, descendentes afroindígenas ou moradores de favelas.

Corpos de mulheres - corpos performativos

Medeiros reivindica para a prática da Performance uma relação visceral em relação ao espaço, “(...) não olhar, penetrar, não chupar chiclete, morder a fruta toda e deixar as sementes pularem para os buracos de vazamento da cidade.” (2011, p.81) Essas mulheres morderam a fruta, morderam a fruta e cospem as sementes, cavam com as mãos os buracos na terra, procurando seus filhos, seus direitos e cospem as sementes, e enterram, e desterram os seus corpos e fazem nascer as folhas em solo ruim, e tratam o solo (sem agrotóxicos!) e voltam a comer as frutas, e embora ninguém fale delas, sua voz viaja o tempo.

Quais colaborações possíveis entre arte e reivindicação social? Como estes Atos Performativos contribuem para o fortalecimento, a sensibilidade, a reflexão e a manifestação dessas mulheres?

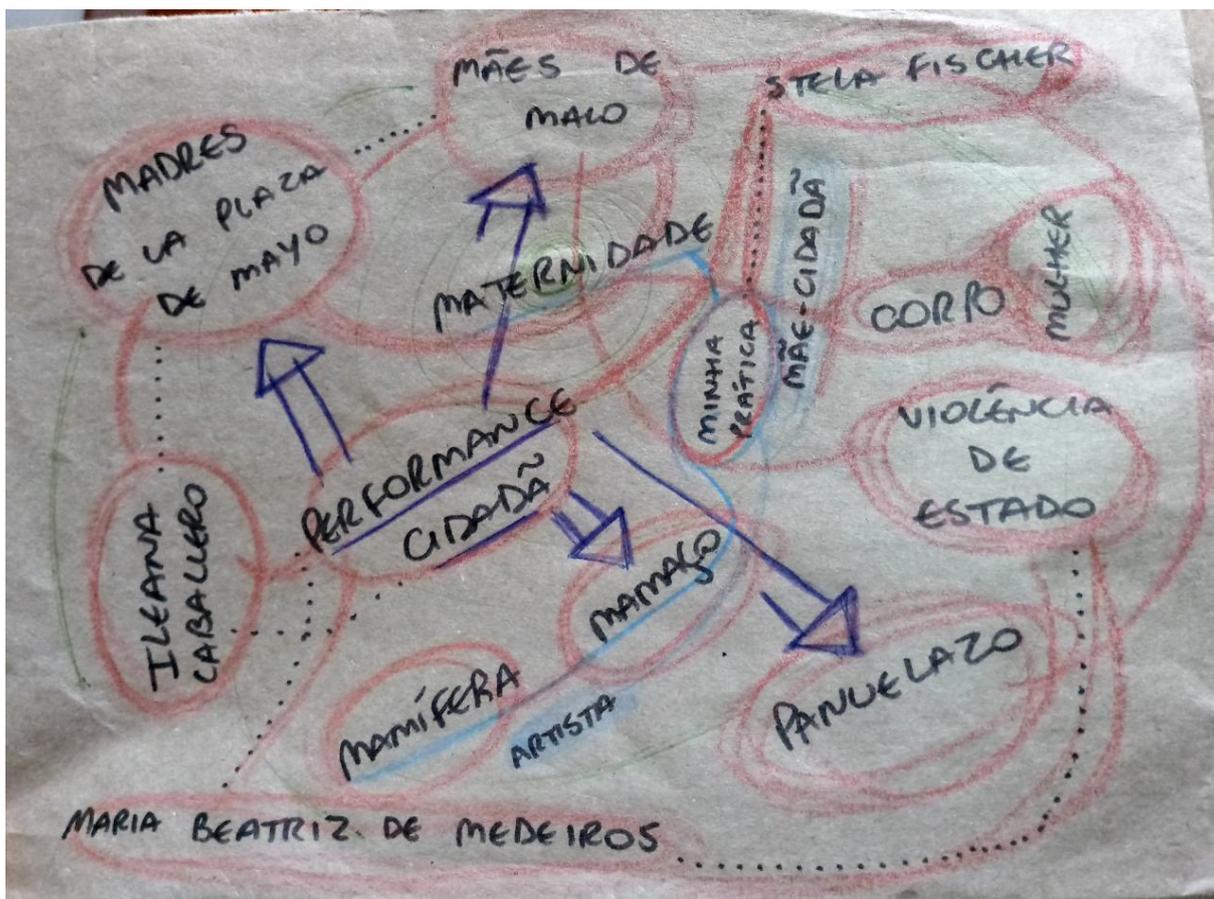


Figura 2: Movimentos entre atuadoras, autoras e performance. Fonte: Mapa pessoal.

A teatróloga Ileana Diéguez Caballero, aponta em sua pesquisa, as várias estratégias poéticas na América Latina, na realização de ações políticas e as contaminações entre as áreas: “(...) as artes cênicas e visuais somaram diversas estratégias para a realização de eventos cidadãos de convívio; ao mesmo tempo a teatralidade foi atravessada e preenchida pelas irrupções do real.” (CABALLERO, 2011, p.61), elencando algumas performances arte, em relação a *performances-cidadãs*. É pensando nas “políticas do corpo para a rearticulação simbólica da memória” (CABALLERO, 2011, p.101) e nas “práticas simbólicas de resistência” (CABALLERO, 2011, p.121), que a autora nos fala sobre as “Madres de la Plaza de Mayo”.

Madres de Plaza de Mayo

Encontrei este movimento das mães de São Paulo procurando informações sobre as “Madres de la Plaza de Maio”, um grupo de mães que durante a ditadura argentina (1976-1983) começaram a realizar rondas na praça de Maio, em frente a Casa Rosada, a casa do presidente em Buenos Aires, pedindo justiça e respostas por seus filhos detidos e

desaparecidos. O movimento nasceu em abril de 1977 com catorze mulheres e foi crescendo, se tornando uma organização e criando outros movimentos como “Las Abuelas de Plaza de Mayo”, “H.I.J.O.S” e “H.I.J.A.S”, em seu site (<http://madres.org/>), a chamada de entrada diz: “Fazem mais de 42 anos, marchamos todas as quintas-feiras às 15h30min na Praça de Maio. Te Esperamos!” Os grupos permanecem atuantes, promovem diversas atividades e atuam político-socialmente.



Figura 3: Madres de Plaza de Mayo 1987. Fonte: ABUELAS



Figura 4: Madres de Plaza de Mayo 1982. Fonte: ABUELAS

A pesquisadora (CONICET/UNC) e Doutora em Antropologia Cultural, Ludmila da Silva Catela (2006, p.12,13) explica que na Argentina, diante de assassinatos de jovens pela polícia, mortes socialmente indignas e por repressão do Estado, ou desaparecidos, se acionam símbolos consagrados na cultura que produzem relações entre direitos humanos e memória, e os caracteriza como *marcas materiais*, criadas frente a violência política. A autora cita a própria figura “de las madres” como um símbolo, e outros que com elas são associados, como o uso do pano branco “pañuelo”, no qual bordavam com ponto cruz o nome do familiar desaparecido; da fotografia do desaparecido levado em um cartaz, ou objetos simbólicos como bandeiras e graffitis.

Catela também narra como começaram a utilizar os lenços brancos na cabeça, para se reunirem e se encontrarem na multidão em manifestações, a primeira vez foi em uma procissão ao santuário de Luján em 1977. Uma das ações das madres era reunirem-se à outras manifestações e em eventos onde sabiam que a imprensa internacional estaria presente para protestar; colocar o pano branco somente dentro da praça ou espaço em que estariam representando a organização e quando houvesse um número considerável de companheiras

para formar o grupo. Hebe Bonafini nos deixa neste trecho um relato sobre suas estratégias e vivência:

Nosotras llevábamos un diario enroscado para cuando nos echaban los perros. Nos tiraban gases. Habíamos aprendido a llevar bicarbonato y una botellita de agua. Para poder resistir en la Plaza. Todo esto lo aprendimos ahí, en esa Plaza.

Mujeres grandes, que nunca habíamos salido de la cocina, habíamos aprendido lo que habían hecho tantos jóvenes antes. Luchar por ese pedacito de Plaza, luchar por ese pedacito de cielo que significaba nada más y nada menos que esto que tenemos hoy. Y el Mundial también fue muy terrible para nosotras. Fue muy terrible porque en el Mundial se tapó, o se quiso tapar, todo lo que estaba pasando. (...) Llegó 1979, la represión fue brutal, no podíamos ir los jueves a la Plaza porque ya era demasiada la represión, hacíamos apariciones esporádicas para no perder la Plaza (...). Pero también decidimos formar la Asociación, porque dijimos: eso tiene que quedar, porque si la represión se hace brutal y no podemos retomar la Plaza los jueves, esto tiene que quedar en algo. (BONAFINI, 1997,p.22)

Onda Verde - Panuelazo

A Onda Verde, assim conhecida por ocupar as ruas com um grande número de pessoas portando a marca material do *pañuelo* verde (lenço retangular), é um movimento levantado por milhares de mulheres por educação sexual, contraceptivos seguros para não necessitarem abortar, e a legalização do aborto para não morrer, que também começa na Argentina. A utilização do *pañuelo* verde começou a surgir a partir de vários encontros, e movimentos que discutiam os direitos humanos e direitos da mulher. Em 2003, tem-se registro (TITTO, 2018) deste uso pelas “Católicas por el Derecho a Decidir” e pelas participantes do 18º Encontro de Mulheres na Argentina”, ocorrido na cidade de Rosário. Símbolo das “Madres de Mayo”, o lenço branco, é ressignificado explica Julia de Titto, Membro da “Colectiva Feminista Mala Junta CABA”, neste gesto que teve a adesão de mulheres de todas as idades:

Acá estamos, somos mayoría” parece decir cada trozo de tela atado en las muñecas o en las mochilas, colgado del cuello. Llegó a las escuelas, se volvió “pañuelazos” en edificios públicos y lugares de trabajo, tuvo tiempo en el prime time y hasta se convirtió en producto de vendedorxs ambulantes. No es casual tampoco que el ícono de esta Ola sea un pañuelo, el mismo objeto que Madres y Abuelas de Plaza de Mayo, mujeres fundamentales en la genealogía del feminismo popular argentino, usan como identificación.

Tanto poder simbólico se expresó en ese pañuelo verde que durante el debate en el Congreso, los antiderechos tuvieron que construir el suyo en otro color. La calle, de todas formas, siguió siendo verde. (TITTO, 2018, p.58,59)



Figura 5: “31 de Mayo, Jueves Verde” (2018). Fonte: Campaña Nacional por el Derecho al Aborto Legal, Seguro y Gratuito (IN:<https://www.facebook.com/CampAbortoLegal/photos/pcb.2045751688790126/2045751518790143/?type=3&theater>) Acesso: 23/10/2019



Figura 6: Campanha Aborto Legal(2018). Fonte: Página Campanha Aborto Legal (IN:<https://www.facebook.com/CampAbortoLegal/photos/pcb.2045751688790126/2045751038790191/?type=3&theater>)Acesso: 23/10/2019

Esta Performance Cidadã se alastrou por toda América-Latina, onde mulheres e grupos se articulavam pelas redes sociais e saíam em protesto por aborto legal e seguro, sustentando o cor verde. A utilização do lenço se tornou um: "grito visible, una identificación, un guiño colectivo", como coloca Titto, atribuindo ao gesto de portar o lenço uma ligação entre corpo, discurso, imagem e cuidado:

Nos sabíamos muchas pero ahora nos vemos. El pañuelo verde se transformó en un código de encuentro. Colgado de las mochilas, las carteras, en las muñecas, en los cuellos, en las bicis y en los bastones. Nos supimos acompañadas en ese espacio público que siempre nos negaron. Esa otra que nos quisieron enseñar como competencia se transformó en aliada. En el medio de la noche, en la parada de colectivo, perdimos el miedo intercambiando sólo una mirada. Nos abrazamos sin conocernos en cualquier lado ese 14 de junio de la media sanción. El pañuelo fue la contraseña para abrirnos un mundo más vivible juntas. (TITTO, 2018, p.45)

Além do elemento “pañuelo”, também ressalto a potência da voz, gritos e cantos entoados por um grande número de pessoas, e da retomada do espaço público como características desta performance - o corpo como mar, nas imagens quase não se vê corpo, só a cor que toma a rua - como podemos ver no poema da ativista Daiana Henderson, esse movimento quer ressignificar o espaço, a geografia que pertence ao homem. O poema conta uma prática recorrente em várias manifestações que é a pintura diretamente no corpo, muitas vezes nas costas, com palavras de ordem e pautas de luta. O acontecimento é pungente, diferente do luto que se instaura com as “Madres de la plaza de Mayo”, vibrante, diria até festivo, como sugere o poema de Vitoria Freire sobre o ato:

De esas niñas
tomadas del brazo
pintándose unas a otras
la espalda con marcador indeleble
los pómulos con glitter
acomodándose el pañuelo
verde entre la marea
con o sin permiso de sus padres
cantando a viva voz
gritando a viva voz
¿cuál de ellas será mi presidenta?
Daiana Henderson
(FREIRE, Vitoria, 2018, p. 92)

Também sobre o direito ao corpo - “Mamaço”

Como mãe de uma criança de um ano e seis meses, durante o período de puerpério já experimentei a vigilância social sobre o corpo da mulher, com olhares repreensivos, ou pedidos para tapar meus seios enquanto amamentava. Essas situações me levaram a

questionamentos que constroem minha poética como artista, como: Existe uma política corporal para os seres femininos? O que vemos quando vemos o corpo de uma mulher? Quais são os limites do seio nu na rua? Do corpo nu na rua? Como esses limites interferem ou podem impulsionam a criação de performances? Essas perguntas e a minha maternidade me levaram a conhecer o movimento de “Mamaços”, que de acordo com Rodrigues (2017, p.36) começou na França em 2006. No Brasil, assim como as organizações para os “Pannelazos” na Argentina e em toda a América Latina, ele surgiu através de mobilizações nas redes sociais. Assim, como dois principais disparadores para o início dessa performance, estão: uma chamada para ocupar um lugar em protesto a alguma instituição onde uma mulher foi proibida de amamentar; a ocupação de uma praça pública geralmente proposta por uma associação, grupo ou setor de saúde pública para tratar do direito de amamentar, de sua importância e cuidados.



Figura 7: Mamaço no Largo São Sebastião, no Centro de Manaus, em 2016. Fonte: FeminismUrbana (IN:<https://feminismurbana.wordpress.com/2017/08/07/o-corpo-que-amamenta-no-espaco-publico/>) Acesso: 22/10/2019



Figura 8: Mães fizeram intervenção no Parque da Jaqueira em prol da amamentação em público. Fonte: Bobby Fabisak/JC (IN: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/noticia/2016/12/17/maes-fazem-mamaco-contra-o-preconceito-no-parque-da-jaqueira-263946.php>). Acesso: 22/10/2019

Como as outras performances-cidadãs, o Mamaço foi responsável por avanços nas lutas políticas e judiciais sobre os direitos das mulheres. Foram criadas no Brasil, leis para proteger mães e bebês de abordagens violentas e constrangimentos, “passaram a ser adotados como parte do calendário da Semana Mundial da Amamentação (SMAM), promovida pelo Ministério da Saúde (MS), sob o título de a “Hora do Mamaço” (RODRIGUES, 2017, p.6,7). Porém, essas manifestações em espaços públicos ainda têm causado repercussões adversas e rejeição. Rodrigues coloca que a maternidade é bem aceita somente dentro do lar, o seio da mulher não é só materno, mas também erótico. A autora lembra ainda, dos discursos essencialistas que podem surgir nesse movimento, e da possibilidade da discussão não incluir a mãe em detrimento às necessidades do filho:

Essa posição ganha um status oficial quando o Estado, ao promover a saúde maternoinfantil por meio de seus programas e políticas, reduz a mulher ao papel de mãe e confunde os direitos das mulheres com os direitos das crianças. Conforme dito anteriormente, a Coordenação Geral de Saúde da Criança e Aleitamento Materno (CGSCAM) é a responsável pelas questões relacionadas à política pública dedicada ao aleitamento materno no país. O objetivo do órgão é promover a atenção integral à saúde da criança. Isso mostra que a atenção voltada a questões relativas

à amamentação é visualizada sob a ótica dos desafios da criança, e não da mãe. (RODRIGUES, 2017, p.55)

Penso nessa ação como essas como uma possibilidade de ver a maternidade como potência, em detrimento do movimento de clausura e rejeição pública; e da abertura de diálogos, para além do aleitamento de uma criança, sobre a sexualização do corpo da mulher e sobre o imaginário social sobre a figura das mães.

Apontamentos

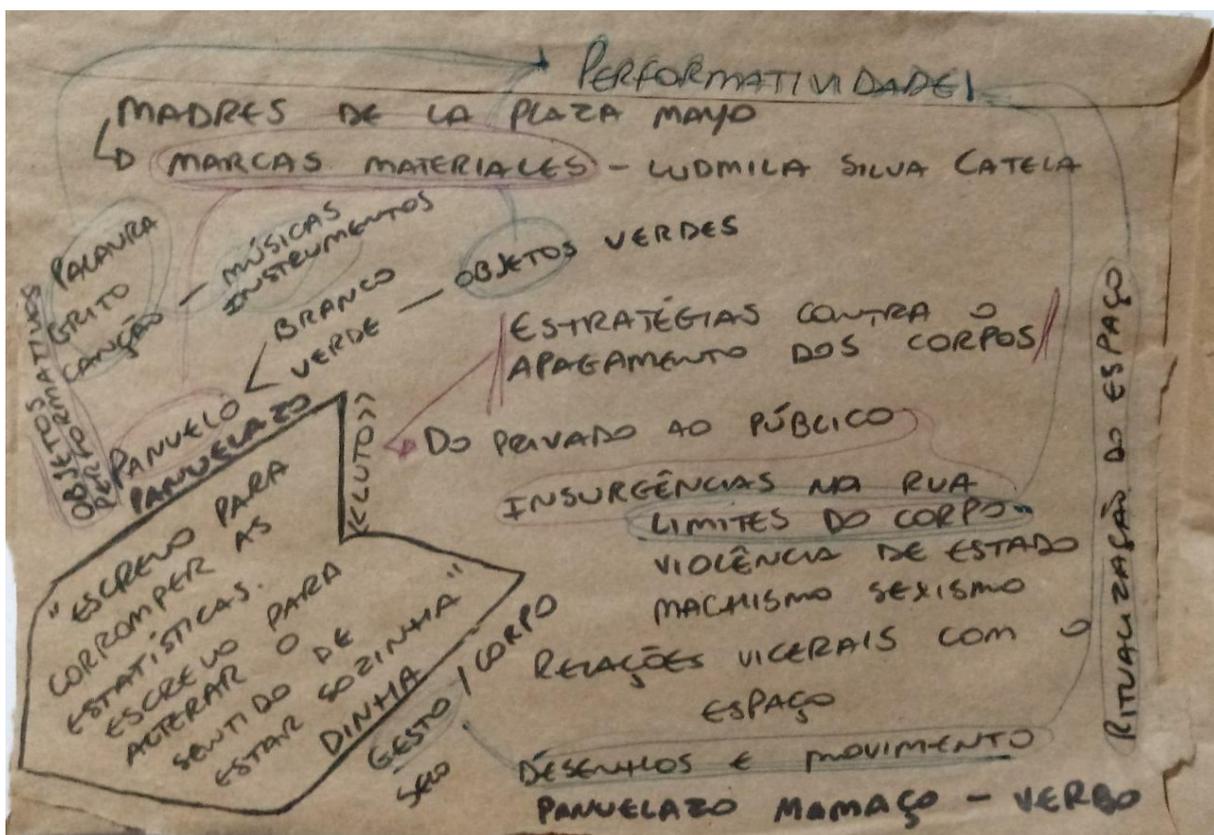


Figura 9: Movimentos entre atuadoras, autoras e performance 2. Fonte: Mapa pessoal

Essas performances-cidadãs têm produzido imagens, reflexões e articulações que devem e precisam ser cada vez mais reconhecidas. Podemos observar, através das marcas materiais, da criação de símbolos culturais desses movimentos, e da trama de ações artísticas que eles geram, “o desenvolvimento de uma atitude estetizante das práticas políticas com propósitos muito diferentes dos desenvolvidos pelos sistemas totalitários” (CABALLERO, 2011, p.20).

Em relação a “Ronda das Mães de Maio”, ao “Panuelazo” e ao “Mamaço”, podem-se destacar uma série de escolhas intuídas pelas mulheres, que tocam a esfera ritual e

imagética da performance: o objeto (como exemplo mais destacado: o lenço branco vestido pelas madres), como uma forma de unificar e travestir-se em uma figura que apresenta uma causa; o ato de utilizar os elementos e gestos, estabelecidos pelas atadoras, dentro de um espaço determinado; o próprio movimento e desenho espacial; a repetição dos atos; os gritos, frases e músicas como uma dramaturgia; a posta do corpo em jogo e, por vezes, ao limite.

Esta pesquisa tem oportunizado a valorização de referências femininas e feministas; o conhecimento de ações e grupos na América Latina; imagens plurais sobre a vida de mulheres; relações ativas entre sujeitas, coletivos, lutas, acontecimentos do presente, necessários para a formação de uma pesquisadora-mulher-mãe-cidadã. E a partir dela, surgem questões como:

As formas de performance-cidadã permitem uma reconfiguração da dor e luta social, a partir da presença de uma forma sensível e crítica, criando contrapontos como: a ausência e a violência, e ocupação e ações das “Madres de la Plaza de Mayo”; ou as criações de novas narrativas possíveis e cenas que presentificam potências, como no caso do “Pañuelazo” e “Mamaço”? Para além de minha prática, que ressignificações e novas produções de sentido podem ser criadas por mulheres performers ao reconhecer atos performativos e cênicos criados por mulheres cidadãs? Quais elementos das performances cidadãs podem impulsionar novas performances?

REFERÊNCIAS

CABALLERO, Ileana Diéguez. **Cenários liminares: teatralidades, performances e política**. 1961. Trad. Luis Alberto Alonso e Angela Reis. -Uberlândia: EDUFU, 2011. Coleção Teoria Teatral Latino Americana; v. I;

CATELA, Ludmila da Silva. **Derechos humanos y memória. Historia y dilemas de una relación particular en Argentina**. Teoria e Cultura: Juiz de Fora v.3, n. 1/2 p. 09-20 Jan./dez. 2006;

DINHA. De Aqui de dentro da guerra. In: **Do Luto à Luta**. Movimento Mães de Maio. São Paulo, 2011;

FISCHER, Stela. **Mulher, Performance a Ativismo**. Tese USP: 2017;

FREIRE, Vitoria. **Cuarta Ola Feminista**. La cuarta ola feminista / Victoria Freire. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires : Emilio Ulises Bosia, 2018;

MÃES DE MAIO. **Carta Final do I Encontro Internacional de Mães de Vítimas da Violência de Estado**. Global.org. Violência Institucional e Segurança Pública. 2016 Disponível em: <http://www.global.org.br/blog/carta-final-do-i-encontro-internacional-das-maes-de-vitimas-da-violencia-do-estado/>. Acesso em: 02.10.2019;

BONAFINI, Hebe. Relato In: **MADRES DE PLAZA DE MAYO. Ni Un Paso Atrás**. Editora Txlararta S.1: Argentina, 1997;

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Arte e Política: Rua, Grupo e Terrorismo Poético**. Performatus: Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017;

MEDEIROS, Maria Beatriz de. **Arte, performance e rua**. In: Revista ARTEFILOSOFIA (UFOP), 2012. n. 02. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/pp/index.php/raf/article/view/580/536>. Acesso em 01/06/2019;

PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA (Org). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015;

RODRIGUES, Ariele Alexandra. **De Peito Aberto: os discursos sociais sobre a maternidade produzidos pela mídia na cobertura dos Mamecos no Brasil**. Rio de Janeiro: 2017;

TITTO, Julia de. **Crear un nuevo mundo también es narrarlo**. In: La Cuarta Ola Feminista. Victoria Freire ... [et al.]. - 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Emilio Ulises Bosia, 2018.